

EDUCAÇÃO DE SURDOS E INCLUSÃO: CAMINHOS E PERSPECTIVAS ATUAIS

Emiliana Faria Rosa¹

Resumo

O presente artigo apresenta um paralelo nos caminhos da educação de surdos, observando o passado, o presente e o futuro. Aqui se encontrará marcas essenciais para o entender do desenrolar dos acontecimentos; além da exposição de valores essenciais a mudanças e melhorias para a educação, incluindo o uso e divulgação da língua de sinais. Haverá comparações do que se tem e do que se almeja para assim poder traçar possibilidades de um futuro não tão distante da educação de surdos.

Palavras-chave: Educação de Surdos; Bilinguismo; Inclusão; Caminhos; Comunidade Escolar.

“O que vale na vida não é ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando no fim terás o que colher.”

Cora Coralina

Alguns caminhos nós escolhemos, outros são impostos. Nestes precisamos descobrir como andar, para onde iremos ou deixaremos de ir. A inclusão nada mais é que um caminho que nos foi dado sem perguntar se queríamos ou se sabíamos caminhar por ele. Caminho que não tem manual de instruções e, por conseguinte, os erros e tropeços são visíveis e cotidianos.

Obviamente como qualquer outra imposição, nem só de erro a inclusão é feita. Acertos há. Aonde? É preciso observar atentamente o cotidiano. Não se trata de defender, ignorar ou ir contra. Trata-se de saber aonde procurar.

¹ Doutoranda em Linguística pela UFSC. Mestra em Educação pela UFBA. Professora assistente da UNIPAMPA. E-mail: emilianarosa@gmail.com

A inclusão existe. Foi proposta (mas também imposta) por meio da lei – ou conseguida, dependendo do ponto de vista - e somos nós quem a organizaremos. Uma ordem de ontem para se trabalhar a vida toda ou até que mude tudo novamente. A teoria da inclusão, como toda teoria, é boa, isso ninguém discorda, mas a prática, e o entendimento dessa teoria, é outra história. A vida real é sempre diferente, difícil é juntar toda nossa diferença para se termos um conjunto igualitário.

Sobre leis, há inúmeras delas, que respaldam a inclusão no sistema educacional tem-se, por exemplo, Decreto Legislativo nº 186/2008 no qual se lê:

Art. 24 – Parágrafo 2. e) Medidas de apoio individualizadas e efetivas sejam adotadas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena. (BRASIL, 2008)

E ainda no Parecer nº 13:

Em janeiro de 2008, a nova "Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva" da SEESP/MEC é publicada, passando a orientar os sistemas educacionais para a organização dos serviços e recursos da Educação Especial de forma complementar ao ensino regular, como oferta obrigatória e de responsabilidade dos sistemas de ensino. Essa Política resgata o sentido da Educação Especial expresso na Constituição Federal de 1988, que interpreta esta modalidade não substitutiva da escolarização comum e define a oferta do atendimento educacional especializado - AEE em todas as etapas, níveis e modalidades, preferencialmente no atendimento à rede pública de ensino. (BRASIL, 2009)

Entende-se que a inclusão é proposta para levar a prática o que a Constituição coloca como igualdade em todos os contextos socioeducacionais. É necessário que por mais que a ideia seja plena, essa mesma igualdade pode diferenciar. Por exemplo: o surdo possui uma língua, a língua de sinais, a qual não é a primeira língua de instrução escolar no país. Incluir o surdo na mesma sala de aula que demais quarenta (ou mais) alunos levará a que? Como isso será feito? Sabemos as respostas, mas é preciso pensar nisso quando se fala nas teorias inclusivas.

A educação de surdos hoje se coloca de forma relativa à inclusão, visto que esta é imposta aquela. Os alunos surdos de hoje devem estudar em classe regular presentes nas escolas inclusivas. Não se pergunta se deseja, os prós e os contras. É a Lei que deve ser seguida. Ou seria a lei do mais forte?

Apesar de se ter linhas traçadas, teoricamente, a inclusão é como uma folha de papel em branco. Nada há lá, por si só. Nosso pensamento a decidir o que fazer na folha em questão é a diversidade, a diferença, os múltiplos outros que deverão estar nesta folha. O lápis? A decisão de tentar escrever/desenhar mesmo que não tenhamos uma

borracha por perto. O caminho? O traçado às vezes incerto, meio torto, meio apagado demais ou colorido demais...

Vamos traçando o caminho como podemos e com o que temos. Posso até dizer que a inclusão é uma polifonia: muitas coisas ao mesmo tempo. Mas pensemos no lado positivo disso tudo: temos escolhas, temos a possibilidade do maleável apesar da imposição. Há uma brecha por mais que tudo esteja trancado.

Mas a inclusão refere-se ao outro, aos outros, aos grupos sociais e, com eles, a uma tentativa de norma. Um padrão do que é ‘normal’, ou seja, rotineiro, cotidiano e a realidade vai para o lado contrário disto, visto que a inclusão inclui os diferentes, os que estão fora do padrão de normalidade que a sociedade impõe. Skliar nos mostra que para chegar ao padrão de normalização esta sociedade passou anos e anos tentando corrigir, normalizar, consertar, controlar, segregar e negar, mostrando que a surdez não é marcada pela ausência da audição, mas pela diferença linguística e de perceber o mundo,

[...] a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (SKLIAR, 2005: 07)

Segundo Rosa (2005), ninguém é igual a ninguém; todos são diferentes uns dos outros e, na maior parte das vezes, não pertencentes ao modelo ideal de ser humano fabricado pela sociedade. É a diversidade que move o mundo, é a mutação constante dos seres que proporciona a certeza de um aprendizado essencial e interminável.

Podemos pensar em uma pergunta bem simples. Pergunta que nos acomete dia sim dia não sobre algo e que se refere a uma escolha: Para onde vamos? Para onde você vai? Pra onde eu vou? Crescemos indagando isso, vivemos parando e escolhendo o caminho, o ritmo de cada passo, olhamos em volta – e dentro de nós – quando tomamos a decisão de por onde seguir.

Se pararmos para pensar somente se tem três possibilidades: Irmos ao passado, imutável, já vivido e sem possibilidade de mudança; irmos ao presente, ou melhor, permanecermos no presente andando em linhas ou em círculos, mas tentando ir a algum lugar; ou a terceira possibilidade, o futuro. Futuro tal como uma areia movediça onde os pés ainda não estão firmes, onde não temos como saber, prever, o que virá.

Complicado escolher um caminho, complicado saber para onde ir. Desde pequenos ouvimos/vimos essa frase: Está indo aonde? A resposta é uma indagação, um olhar, um movimento de cabeça... Por vezes, nem mesmo nós, com pés voltados a um caminho, sabemos com precisão aonde ir. Mas a vida sabe, e diante de varias estradas, sempre há sinais de qual delas devemos seguir.

O passado

Falar do passado? Todos nós aqui já falamos ou vimos falar sobre o passado. Podemos ter vivido algo ou sermos parte do passado de alguém ou de algum movimento/momento social. Podemos ter presenciado um ato, podemos ter lutado contra ou a favor. Podemos ter rido, chorado, vibrado, reclamado.

O passado é isso, um meio de sabermos o que deveríamos ter feito e não fizemos; saber o que fizemos e não havia necessidade de ter sido feito. Porém lamentar não adianta, o passado é passado, e por mais que às vezes queiramos mudar algo dele, não há como, já foi.

Na educação de surdos, o passado é sofrido. Os surdos foram amarrados, machucados, ofendidos, proibidos de dispor de nosso direito à língua, à cultura surda, às trocas sociais. Passado que proibiu o direito essencial do ser humano: a vida. Quantos surdos foram mortos? Quantos foram atirados aos penhascos, aos rios? Quantos foram taxados de monstros? Quantos foram sumariamente castigados por, simplesmente, se comunicar? Quantos foram ignorados, desprezados, humilhados?

Em muitas sociedades antigas, crianças que nasciam com algum “defeito” eram sacrificadas, jogadas em abismos ou excluídas para não viver na sociedade. No caso das crianças surdas, como seu “defeito” era descoberto tardiamente, estas eram isoladas num local à parte da sociedade, deixadas distantes da cidade para que não convivessem com as pessoas “perfeitas” (VASCO, 2010).

No passado os surdos tiveram o direito lingüístico cassado com o Congresso de Milão, hoje a LIBRAS é reconhecida como língua². Sabemos que há muitos empecilhos ainda, mas pensem no que já se conseguiu.

Passado que corresponde a uma multiplicidade de tentativas de educar. Sabemos quais são: oralismo e comunicação total são as duas principais vertentes do passado.

Segundo Perlin (2005), o oralismo é a aquisição da língua oral. O surdo aprenderá a língua oral, sendo reprimido pelo uso de qualquer gesto, expressão facial ou corporal que se refira à língua visual.

Na comunicação total, ainda segundo Perlin (2005), utiliza-se toda uma diversidade de métodos para alcançar a escolarização do surdo. A diferença é que a língua de sinais é utilizada como apoio para o aprendizado da língua oral e escrita.

A Comunicação Total é a prática de usar sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para fornecer *inputs* lingüísticos para estudantes surdos, ao passo que eles podem expressar-se nas modalidades preferidas. (STEWART apud LACERDA, 1998: 06)

O bilingüismo se situaria não somente no passado, mas como algo atual e participante do cotidiano dos Surdos.

A reflexão sobre a educação de surdos deve situar-se igualmente no nível das técnicas de ensino, das disciplinas pedagógicas e dos princípios educativos gerais, como, por exemplo, a inserção ou não dessas crianças em escolas e/ou classes especiais. (SILVA apud FERNANDES, 2010: 39)

Não somente crianças, segundo consta na citação acima, mas como também qualquer nível etário do alunado; e não somente a inserção em classes/escolas especiais, como também inclusivas/regulares. É preciso saber se a escola está pronta para isso, se o aluno aprenderia melhor nesta ou naquela... São muitos 'ses', são muitas possibilidades.

O presente

² Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em 17 de março de 2011.

O hoje. O que você fez hoje? Algo de bom? De ruim? Marcante? Será lembrado no futuro? Ou algo que possa ser esquecido? A decisão de hoje é imposta por algo que pensamos antes (o ontem, em relação ao passado) que pode vir a influenciar algo do amanhã, o futuro.

O hoje é marcado pelo bilingüismo, pela existência da LIBRAS no currículo acadêmico, pela inclusão, pela necessidade de interpretes qualificados, pelo fortalecimento do professor surdo... A mesma inclusão que coloca o aluno surdo em sala de aula leva professores surdos ao mesmo lugar. No hoje, a língua de sinais além de reconhecida tem caráter fundamental na construção do surdo enquanto sujeito de si e de suas ações.

A realidade ou utopia? O presente ou o passado contínuo? A interface lingüística com a psicológica e a socioeducacional. Assim, entre a realidade e a utopia criamos alternativas do ir e vir.

Ao apontar para além daquilo que existe, as referidas formas de pensamento e de prática põem em causa a separação entre realidade e utopia e formulam alternativas que são suficientemente utópicas [...] e suficientemente reais para não serem facilmente descartadas [...]. (SANTOS, 2002: 25)

O bilingüismo acima citado é a forma mais usual nos espaços socioeducacionais atualmente. A língua de sinais neste contexto é vista como comunicação do surdo.

O bilingüismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõe a tornar acessível à criança as duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 1997: 27)

Tanto o bilingüismo quanto outras alternativas (como o oralismo, a comunicação total e o bimodalismo³) estão presentes nos dias de hoje e poderão se estender ao futuro, abrindo leques de suposições e possibilidades.

As representações sociais estruturam os saberes cotidianos, as teorias populares, o senso comum, enfim, tudo o que resulta do conhecimento prático, orientado para a compreensão do mundo e para a comunicação entre os indivíduos. São as representações que se elaboram na construção

³ Uso simultâneo de duas línguas.

cognitiva, investida de afeto, da realidade social. (SILVA apud FERNANDES, 2010: 45)

Muitas pessoas pensam que a inclusão é sinônimo de colocar. Porém não basta inserir um ser em um ambiente, é preciso moldar este ambiente para que o indivíduo em questão sinta-se parte de um todo.

A inclusão é um processo amplo com dimensões ideológicas, sociais, culturais, políticas e econômicas. Envolve toda e qualquer relação interpessoal existente na escola e fora dela.

Ao colocar uma semente sobre a terra, ela poderá ou não se desenvolver. Porém, adubando a terra, ajeitando a semente e regando o solo quando necessário, esta semente se desenvolverá e florescerá. Afinal, a flor está sempre dentro da semente. Basta ter-se o cuidado de fazê-la germinar (ROSA, 2005).

O parágrafo acima serve de comparação a uma pessoa, esteja ela na condição de educando ou cidadão; esteja em uma escola ou na sociedade; seja surda ou não. A concepção da inclusão abalou os alicerces do paradigma educacional e social tradicionais gerando uma crise e isso leva a pensar no que é real, presente e constante em termos de educar.

É por isso que muitas pessoas se assustam diante de algo novo. Com a inclusão ocorre, simultaneamente, em algumas vezes, o choque e a coragem de um desafio, o qual não se pode ignorar, nem recusar.

É obstante lembrar que nem sempre aonde se tenha inclusão nem sempre há interação. A inclusão deve ser um fenômeno pleno, que inclui interação, entre outros elementos relacionais. Se alguma relação não apresenta a interação, então, não houve inclusão, no sentido mais pleno do termo. Foi simples justaposição de sujeitos, ou integração, etc., mas não inclusão.

A interação que deve existir na inclusão é feita e vivida pelas trocas sociais, respeito às diferenças culturais e linguísticas, pela aceitação do outro como ele é – e não como um bonequinho de massa a ser moldado de acordo com o que se quer.

Pensemos agora, o que nos espera no amanhã senão algo que tenhamos escolhido no hoje? A vida é intrínseca, não há como separar os fatos, ações que se desencadeiam às vezes sem tempo de conserto ou possibilidade de mudança.

O futuro

Algo a decifrar: isto é o futuro. Arrisco a comparar o que se vive e o que se tem com pontes. Tem-se muitas pontes, algumas vemos que estão velhas, outras em construção, outras têm buracos, outras sólidas... mas todas as pontes possuem desfiladeiros sob elas. Elas não se fazem sozinhas, somos nós quem as moldamos.

Tal qual a educação de surdos que não se faz por si só. De um lado há surdos em movimento, reivindicando melhoras e desenvolvimento. De outro há imposições e argumentações de pessoas que por muitas vezes não participam da realidade dos educandos.

Interessante observar que no meio disso se encontram professores, escolas e alunos. Alguns com ideias formadas, outros em formação. Para aonde eles caminharão no futuro? Qual a trajetória de cada um? Vai depender de como recebem, questionam e analisam o que acontece a volta.

A realidade é que o futuro é algo que não possui respostas prontas. É o mutável que se apresenta ali na frente e que não se consegue ver focadamente. São sábias as palavras de Toquinho:

E o futuro é uma astronave/Que tentamos pilotar/Não tem tempo, nem piedade/Nem tem hora de chegar/Sem pedir licença/Muda a nossa vida/E depois convida/A rir ou chorar.../Nessa estrada não nos cabe/Conhecer ou ver o que virá/O fim dela ninguém sabe/Bem ao certo onde vai dar... (TOQUINHO, 2010)

O trecho da poesia se coloca perfeitamente coerente com as perspectivas de futuro da educação de surdos. Nós que participamos dela constantemente por vezes não sabemos o que virá. Não conseguimos saber se o que se tem hoje será a mesma verdade de amanhã.

O incerto permanece e não só na educação de surdos. Sentimos a presença de uma necessidade de mudança para assim alcançar o que se deseja: uma real educação igualitária.

É preciso reconhecer que:

[...] mesmo sabendo que não há reformas sem resistências, pois toda mudança é dolorosa na medida em que obriga a deixar a comodidade do conhecido para aventurar-se no terreno incerto do novo. (SÁNCHEZ apud LODI et al, 2009:16).

Não é questão de sentar e esperar cair do céu. Mesmo que a inclusão não fosse parte de nosso cotidiano, haveria dificuldades socioeducacionais. Nem sempre uma

vontade é a solução de todas as causas e problemas. Não se trata de defender a inclusão, mas sim vê-la como parte do todo e ir moldando-a. Todos nós conhecemos os prós e contras da inclusão, assim como qualquer teoria usada na educação de surdos.

Não adianta só lutar contra algo ou a favor. É necessário observar cada lado e retirar o melhor de cada um. Trata-se de ampliar caminhos, reconstruir pontes e possibilitar futuros.

Concluindo...

Deixa-se aqui uma possível conclusão. Até porque não há como concluir em se tratando de futuro de um processo educacional e sendo este algo que está em um processo contínuo. Para este não há fórmulas prontas, não há como prever o que virá. Existe somente a possibilidade de organizar, preparar, o hoje para o amanhã.

É preciso lembrar de que existem inúmeros desafios e um dos grandes desafios da educação é o tipo de oferta educativa “*baseada na compreensão do respeito à cidadania, pluralidade cultural, dos conhecimentos e da formação de um sujeito crítico e participativo*”. (SANTOS, 2010)

A educação de surdos é feita por aqueles que participam dela. É assim que a LIBRAS terá aceitação e propagação no ambiente escolar e social; é desta forma que o surdo passará a interagir com o meio, desenvolvendo-se.

Não adianta propor leis e mais leis ou ainda impor o que se acha por correto se a realidade absorve isso de forma diferente. E se absorver. Isto porque em muitas vezes pode ocorrer que a implantação de uma lei ou algo similar fica a mercê de barreiras.

Como exemplo dessas barreiras: corpo docente não capacitado, falta de intérpretes capacitados e fluentes na língua de sinais, infra-estrutura precária, falta de acessibilidade, falta de material didático, falta de políticas inclusivas eficientes... a lista pode ser ainda maior (ou menor) dependendo da localidade.

Mudanças são fundamentais ao cotidiano sim, porém devem ser feitas de acordo com o que podemos. Um passo de cada vez, aperfeiçoa-se um ponto e puxa-se outro e mais outro e mais outro... Só assim se conseguiria algo realmente bem executado.

Entre a realidade que temos hoje e a necessidade do surdo, uma escola bilíngüe de qualidade, existe muito a ser feito. Sim, os surdos querem e precisam de uma escola bilíngüe, o que importa não é somente o porquê, mas sim como. Como executar um

projeto desses? Como valorizar e ampliar a capacidade escolar do surdo? Sim, a escola bilíngüe favorece a isso. Se sabemos o caminho, porque não se coloca em prática?

O descaso pela escolaridade do surdo é decorrente da interpretação que foi construída a respeito da sua educação que não se situa no campo do direito, mas, da obrigação moral. (SOARES, 2005: 10).

Possivelmente é nesse ponto que entra o que se tem, o que podemos e o que queremos. O que nos dão, o que nos tiram, o que sugerem, o que impõem. O que eles lucram impondo o que não leva a nada? O que perdemos? Lutamos? Pelo que? Aceitamos? O que? Não é de assistencialismo que os surdos precisam, mas de estímulo, de possibilidades, de uma escolarização de qualidade.

Incluir por incluir não basta. Não é isso que se precisa. A educação não deve ser colocada como forma de molde. Não há moldes. Somos seres diversos, múltiplos e como diferentes anseios. Incluir por incluir, de qualquer forma, de qualquer jeito só para dizer que ali se faz inclusão é nulo.

Não adianta mostrar uma inclusão errada ou ‘tapada com a peneira’; não adianta criar mil coisas em saber como; não se pode ligar algo na tomada sem saber se se tomará choque com aquele fiozinho solto; o que vale pra um pode não valer pra todos.

Incluir o surdo é muito mais do que colocá-lo em uma sala de aula no meio de todos os outros. É proporcionar aprendizado, é valorizar e estimular o aprendizado de sua primeira língua, a LIBRAS, é compreender que a língua portuguesa para este aluno será a segunda língua em modalidade escrita. Incluir o surdo é usar recursos didáticos visuais, trocas sociais e lingüísticas. É desenvolver um indivíduo para que ele não se torne dependente, como muitos pensam, mas sim possuidor de sua língua, de seu conhecimento e de possibilidades diárias de desenvolvimento e captação do que o rodeia.

Percebemos então a necessidade de descobrir quais os valores de cada um e da sociedade onde se situa. Isso faz parte do caminho. Caminho meu, seu, nosso. Ninguém anda sozinho. Ninguém escolhe sozinho. Se o que temos hoje são a inclusão e o bilingüismo, precisamos fazer nossa parte, propor melhorias e as mudanças necessárias. Nada sairá da teoria se nós mesmos não fizermos. Nosso caminho é feito por nós. Eu faço a minha parte, e você?

EDUCATION OF DEAF AND INCLUSION: WAY AND CURRENT PERSPECTIVE

Abstract

This paper presents a parallel in the way of deaf education, noting the past, present and future. Here you will find brands essential to understand the events unfolded, and the exposure of core values to changes and improvements to education, including the use and disclosure of sign language. There will be comparisons of what has and what one wishes so that he could draw possibilities of a not so distant future of deaf education.

Keywords: Education of the Deaf; Bilingual; Inclusion; Ways; Community School.

Referências

BRASIL. **Decreto legislativo Nº 186/2008. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das pessoas com deficiência e de seu protocolo facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/congresso/DLG186-2008.htm. Acesso em ago. de 2011.

BRASIL. **Parecer nº13 da CNE. Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.** Disponível em: http://www.ampid.org.br/MocaoApoio_CNE_2008.php#parecer. Acesso em ago. de 2011.

LACERDA, Cristina. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos.** Disponível em: http://www.sj.ifsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca_artigos/historia_educacao_surdos/texto_29.pdf. Acesso em: 17 de jun. de 2011.

LODI, Ana Cláudia et al. “A escola, o fracasso escolar e a leitura”. **Letramento e minorias.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

PERLIN, Gladis. “Identidades surdas”. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, Ronice. **Educação de surdos.** Aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

ROSA, Emiliania Faria. **Lecionando para ouvintes: desafios de uma professora surda.** Monografia apresentada na Especialização em Educação Inclusiva. Rio de Janeiro: UCAM, 2005.

SANTOS, Boaventura. **Produzir para viver.** São Paulo: Record, 2002.

SANTOS, Katia. “Educação especial e escola: reflexões sobre os projetos educacionais para alunos surdos”. **Surdez e bilinguismo.** Porto Alegre: Medicação, 2010.

SILVA, Angela. “A representação social da surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar”. **Surdez e bilinguismo.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

SKLIAR, Carlos. “Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade”. In: _____ (org.). **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 3. ed, 2005.

SOARES, Maria Aparecida L. **A educação de surdos no Brasil.** Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

TOQUINHO. **Aquarela.** Disponível em: <http://www.toquinho.com.br>. Acesso em 20 de ago. de 2010.

VASCO, Elisa. **Características das intervenções psicoterapêuticas realizadas por psicólogos com sujeitos surdos.** Monografia de graduação. Palhoça: UNISUL, 2010.

Data de recebimento: 30/06/2011

Data de aceite: 21/11/2011